

Bloco Mágico
Boletim Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise
Número 3 – Outubro de 2017

Seções

Belém (PA)
Campos dos Goytacazes (RJ)
Fortaleza (CE)
Goiânia (GO)
Imperatriz (MA)
Paris (França)
Rio de Janeiro (RJ)
São Luís (MA)
Teresina (PI)



Núcleos

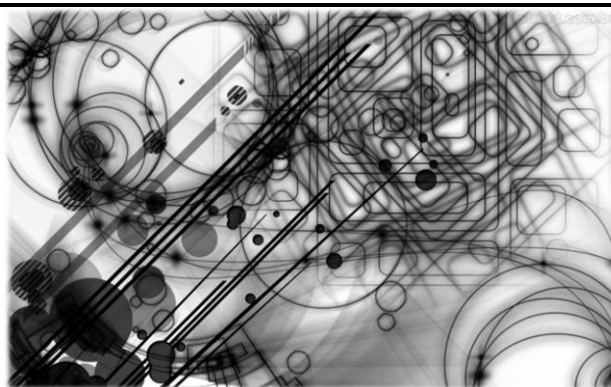
Barra Mansa (RJ)
Cuiabá (MT)
Dourados (MS)
João Pessoa (PB)
Macaé (RJ)
Nova Friburgo (RJ)
São Paulo (SP)
Teresópolis (RJ)
Vassouras (RJ)

Sumário

1) Editorial	02
2) Entrevistas	04
Sigmund Freud	04
Jacques Lacan	13
Elisabeth Roudinesco	20
Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos	25
Denise Maurano	28
3) Comemoração dos 23 anos da Escola	29
4) Próximos eventos	30
5) Ficha técnica	36

Observação: Este boletim interno se destina exclusivamente ao uso dos membros das diversas Seções e Núcleos do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.

CORPO FREUDIANO
ESCOLA de PSICANÁLISE



“A psicanálise torna a vida mais simples. Adquirimos uma nova síntese depois da análise. A psicanálise reordena um emaranhado de impulsos dispersos, procura enrolá-los em torno do seu carretel. Ou, modificando a metáfora, ela fornece o fio que conduz a pessoa para fora do labirinto do seu inconsciente.”
(Sigmund Freud, O valor da vida: entrevista a George Sylvester Viereck, 1926)

“Freud. Como julgá-lo ultrapassado se nós ainda não o compreendemos inteiramente?”
(Jacques Lacan, Entrevista a Emilio Granzotto, 1974)

1) Editorial

A psicanálise na cultura

Este terceiro número do Bloco Mágico é dedicado a uma série de entrevistas que tratam, em maior ou menor grau, da inserção da psicanálise na cultura. Três delas merecem destaque: aquelas concedidas por Freud, Lacan e Roudinesco. Começemos pela entrevista concedida por Freud nos Alpes austríacos em 1926 ao jornalista norteamericano George Sylvester Viereck¹.

Ao ser interrogado pelo entrevistador se a psicanálise não seria responsável por complexificar desnecessariamente a vida, Freud responde que é o contrário: “A psicanálise torna a vida mais simples. Adquirimos uma nova síntese depois da análise. A psicanálise reordena um emaranhado de impulsos dispersos, procura enrolá-los em torno do seu carretel. Ou, modificando a metáfora, ela fornece o fio que conduz a pessoa para fora do labirinto do seu inconsciente”.

Para Freud, tampouco a psicanálise é dogmática, como desde então costumava ser concebida no campo da cultura, em grande medida pela maneira como foi apropriada pela psicologia do ego². Segundo ele, a psicanálise “jamais fecha a porta a uma nova verdade”, constituindo-se como uma ciência nova e em movimento: “A vida muda. A psicanálise também muda. Estamos apenas no começo de uma nova ciência”. Retomando sua conhecida e bela metáfora arqueológica, ele afirma: “Sou apenas um iniciador. Conseguí desencavar monumentos soterrados nos substratos da mente. Mas ali onde eu descobri alguns templos, outros poderão descobrir continentes”. De fato, muitos outros se dedicaram a explorar os continentes abertos a partir dos templos descobertos por Freud, embora nem sempre com o devido rigor.



Marius Zabinski

¹ Essa entrevista teve uma repercussão interessante. Após ter expressado nela sua indiferença em relação ao tema da vida após a morte, Freud recebeu uma carta de um médico norteamericano contando-lhe um evento que provocou nele a conversão ao cristianismo, na esperança de que também Freud se convertesse. Assim, Freud responde a ele num breve artigo intitulado “Uma experiência religiosa” (Freud, 1927), retomado por Theodor Reik (1956) em seu livro *Trente ans avec Freud* [Trinta anos com Freud].

² Quanto a isto, é interessante marcar que também Lacan criticará a maneira como a psicanálise foi apropriada nos Estados Unidos, sendo reduzida a uma psicologia do ego, como ficou conhecida após ser norteamericanizada aos moldes individualistas do *American way of life*. “Uma equipe de egos”, diz Lacan, “se oferece aos norteamericanos para guiá-los em direção à *happiness*, sem perturbar as autonomias, egoístas ou não, que pavimentam o *American way* de chegar lá” (Lacan, Jacques. *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* [1958]. In: _____. *Escritos* [1966]. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.597). Lacan mostra como muitas das críticas feitas à psicanálise não se sustentam em absoluto se a referência for a obra freudiana ao invés dos moldes da IPA, que colocaram a psicanálise sob o domínio dos ideais norteamericanos de individualidade, autonomia e liberdade. Segundo ele, o discurso psicanalítico, ao contrário, desmascara esses ideais, revelando o sujeito dividido pelo inconsciente, que impossibilita a individualidade; a dependência do Outro na qual se constitui o sujeito, que desmascara a meta da autonomia; e a determinação inconsciente, que reconfigura completamente a noção de liberdade do sujeito.

Entrevistado por Emilio Granzotto em 1974 e interrogado se a teoria de Freud não estaria ultrapassada, Lacan é contundente: “Como julgá-lo ultrapassado se nós ainda não o compreendemos inteiramente?”. Para Lacan, alguns discípulos de Freud acabaram “reduzindo seu ensino a alguma fórmula banal: a técnica como ritual, a prática restrita ao tratamento do comportamento, e como meio de readaptação do indivíduo a seu meio social. É a negação de Freud”.

Em seu retorno à obra freudiana, Lacan sempre chamou a atenção para o fato de que o criador da psicanálise “nos fez conhecer coisas totalmente novas, que não teríamos nem mesmo imaginado antes dele. Desde os problemas do inconsciente à importância da sexualidade, do acesso ao simbólico ao assujeitamento às leis da linguagem”. Para Lacan, o legado freudiano “colocou em questão a verdade, algo que concerne a todos e a cada um pessoalmente”.

Por ocasião do lançamento de seu livro *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo* na Argentina, Roudinesco foi entrevistada e também abordou a íntima conexão entre psicanálise e cultura. Para a autora, Freud aproximou os sofrimentos íntimos da dimensão literária e mitológica, como se dissesse que “todos os neuróticos são príncipes, reis, são Édipo e Hamlet”, dando a eles “uma espécie de dignidade mitológica e literária”. Segundo ela, entretanto, os psicanalistas perderam a profundidade da cultura freudiana, a dimensão literária e mitológica de Freud, o que acarreta graves consequências para o movimento analítico.

Dentre os eventos divulgados neste mês de outubro, destacamos a Reunião Lacanoamericana de Psicanálise, que acontecerá no Rio de Janeiro, e a série de conferências proferidas por Marco Antonio Coutinho Jorge na Seção Paris.

Boa leitura!

Rio de Janeiro, 1º de outubro de 2017
Bruno Albuquerque
Editor



2) Entrevistas

“O valor da vida”: uma entrevista rara de Sigmund Freud a George Sylvester Viereck ³
Tradução: Paulo César Souza

Entre as preciosidades encontradas na biblioteca da Sociedade Sigmund Freud, encontra-se essa entrevista, aparentemente a única que ele concedeu. Foi feita pelo jornalista americano George Sylvester Viereck, nos Alpes austríacos, em 1926. Deve ter sido publicada na imprensa americana da época. Acreditava-se que estivesse perdida, quando o Boletim da Sigmund Freud Haus publicou uma versão condensada, em 1976. Na verdade, o texto integral havia sido publicado no volume “Psychoanalysis and the Fut”, número especial do *Journal of Psychology*, de Nova Iorque, em 1957.



Sigmund Freud – Setenta anos ensinaram-me a aceitar a vida com serena humildade.

(Quem fala é o professor Sigmund Freud, o grande explorador da alma. O cenário da nossa conversa foi uma casa de verão no Semmering, uma montanha nos Alpes austríacos. Eu tinha visto o pai da psicanálise pela última vez em sua casa modesta na capital austríaca. Os poucos anos entre minha última visita e a atual multiplicaram as rugas na sua fronte. Intensificaram a sua palidez de sábio. Sua face estava tensa, como se sentisse dor. Sua mente estava alerta, seu espírito, firme, sua cortesia, impecável como sempre, mas um ligeiro impedimento da fala me assustou. Parece que um tumor maligno no maxilar superior necessitou ser operado. Desde então, Freud usa uma prótese, para ele uma causa de constante irritação).

Freud – Detesto o meu maxilar mecânico, porque a luta com o aparelho me consome tanta energia preciosa. Mas prefiro um maxilar mecânico a maxilar nenhum. Ainda prefiro a existência à extinção. Talvez os deuses sejam gentis conosco, tornando a vida mais desagradável à medida que envelhecemos. Por fim, a morte nos parece menos intolerável do que o fardo que carregamos.

(Freud se recusa a admitir que o destino lhe reserva algo especial).

Por que (disse calmamente) deveria eu esperar um tratamento especial? A velhice, com suas agruras, chega para todos. Atinge uma pessoa aqui, outra ali. Seus golpes sempre alcançam um ponto vital. A vitória final pertence ao Verme Conquistador.

³ Freud, Sigmund. O valor da vida: uma entrevista rara de Sigmund Freud [1926]. Publicado originalmente em: *Papéis* – Boletim do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro – Escola de psicanálise, n. 10, ano X, ago. 2004.

<i>“Out – out are the lights – out all! And over each quivering form The curtain, a funereal pall Comes down, with the rush of a storm And the angels, all palid and wan, Uprising, unveiling, affirm That the play is the tragedy ‘Man’, And its hero the Conqueror Worm.”</i>	<i>(“Apagam-se, apagam-se as luzes – todas! E sobre cada forma trêmula Cai a cortina, um pano mortuário Com um ímpeto de tempestade E os anjos, pálidos e lânguidos, Erguendo-se, desvelando-se, afirmam Que a peça é a tragédia ‘Homem’ E o seu herói, o Verme Conquistador.”)</i>
---	---

Eu não me rebelo contra a ordem universal. Afinal, vivi mais de setenta anos. Tive o bastante para comer. Apreciei muitas coisas – a companhia de minha mulher, meus filhos, o pôr do sol. Observei as plantas crescerem na primavera. De vez em quando, tive uma mão amiga para apertar. Vez ou outra, encontrei um ser humano que quase me compreendeu. Que mais posso querer?

George Sylvester Viereck – O senhor teve a fama. Sua obra influi na literatura de cada país. O homem olha a vida e a si mesmo com outros olhos, por causa do senhor. E recentemente, no seu septuagésimo aniversário, o mundo se uniu para homenageá-lo – com exceção da sua própria universidade!

Freud – Se a Universidade de Viena me demonstrasse reconhecimento, eu ficaria embaraçado. Não há razão por que deveriam aceitar a mim e a minha obra porque tenho setenta anos. Eu não atribuo importância insensata aos decimais. A fama chega apenas quando morremos e, francamente, o que vem depois não me interessa. Não aspiro à glória póstuma. Minha modéstia não é virtude.

Viereck – Não significa nada o fato de que o seu nome vai viver?

Freud – Absolutamente nada, mesmo que ele viva, o que não é certo. Estou bem mais preocupado com o destino de meus filhos. Espero que a vida deles não venha a ser difícil. Não posso ajudá-los muito. A guerra praticamente liquidou com minhas posses, o que havia poupado durante a vida. Mas posso me dar por satisfeito. O trabalho é minha fortuna.

(Estávamos subindo e descendo uma pequena trilha no jardim da casa. Freud acariciou ternamente um arbusto que florescia).

Freud – Estou muito mais interessado neste botão do que no que possa me acontecer depois de morto.

Viereck – Então o senhor é, afinal de contas, um profundo pessimista?

Freud – Não, não sou. Não permito que nenhuma reflexão filosófica estrague a minha fruição das coisas simples da vida.

Viereck – O senhor acredita na persistência da personalidade após a morte, de alguma forma que seja?

Freud – Não penso nisso. Tudo o que vive perece. Por que deveria o homem constituir uma exceção?

Viereck – Gostaria de retornar em alguma forma, de ser resgatado do pó? O senhor não tem, em outras palavras, desejo de imortalidade?

Freud – Sinceramente, não. Se reconhecermos os motivos egoístas por trás de toda conduta humana, não temos o mínimo desejo de voltar. A vida, movendo-se num círculo, seria ainda a mesma. Além disso, mesmo se o eterno retorno das coisas, para usar a expressão de Nietzsche, nos dotasse novamente do nosso invólucro carnal, para que serviria isso, sem memória? Não haveria elo entre passado e futuro. Pelo que me toca, estou perfeitamente satisfeito em saber que o eterno aborrecimento de viver finalmente passará. Nossa vida é necessariamente uma série de compromissos, uma luta interminável entre o ego e seu ambiente. O desejo de prolongar a vida excessivamente me parece absurdo.

Viereck – O senhor desaprova as tentativas de seu colega Steinach, de prolongar o ciclo da existência humana?

Freud – Steinach não tenta prolongar a vida. Ele apenas combate a velhice. Recorrendo ao reservatório de energia em nosso próprio corpo, ele ajuda os tecidos a resistir à doença. A operação de Steinach detém acidentes biológicos molestos, como o câncer em seus estágios iniciais. Torna a vida mais viável; não a torna mais digna de ser vivida. Não há motivo para desejar viver mais longamente. Mas há todo motivo para desejar viver com o menor desgosto possível. Eu sou razoavelmente feliz, porque sou grato pela ausência de dor e pelos pequenos prazeres da vida, pelos meus filhos e por minhas flores.

Viereck – Bernard Shaw sustenta que vivemos muito pouco. Ele acha que o homem pode prolongar a vida, se assim desejar, levando sua vontade a atuar sobre as forças da evolução. Ele crê que a humanidade pode reaver a longevidade dos patriarcas.

Freud – É possível que a morte em si não seja uma necessidade biológica. Talvez morramos porque desejamos morrer. Assim como amor e ódio por alguém habitam nosso peito ao mesmo tempo, assim também toda vida conjuga o desejo de manter-se e um anseio pela própria destruição. Do mesmo modo como um pequeno elástico esticado tende a assumir a forma original, assim também toda matéria viva, consciente ou inconscientemente, busca readquirir a completa e absoluta inércia da existência inorgânica. A pulsão de vida e a pulsão de morte habitam lado a lado dentro de nós. A Morte é a companheira do Amor. Juntas, elas regem o mundo. Isto é o que diz meu livro *Mais-além do princípio de prazer*. No começo, a psicanálise supôs que o Amor tinha toda a importância. Agora sabemos que a Morte é igualmente importante. Biologicamente, todo ser vivo, não importa quão intensamente a vida queime dentro dele, anseia pelo Nirvana, pela cessação da “febre chamada viver”, anseia pelo seio de Abraão. O desejo pode ser encoberto por digressões. Não obstante, o objetivo derradeiro da vida é a sua própria extinção.

Vierneck – Isso é a filosofia da autodestruição. Ela justifica o autoextermínio. Levaria logicamente ao suicídio universal imaginado por Eduard von Hartmann.

Freud – A humanidade não escolhe o suicídio, porque a lei do seu ser desaprova a via direta para o seu fim. A vida tem que completar o seu ciclo de existência. Em todo ser normal, a pulsão de vida é forte o bastante para contrabalançar a pulsão de morte, embora no final esta resulte mais forte. Podemos entreter a fantasia de que a Morte nos vem por nossa própria vontade. Seria possível que pudéssemos vencer a Morte, não fosse por seu aliado dentro de nós. Nesse sentido, (acrescentou Freud com um sorriso) pode ser justificado dizer que toda morte é suicídio disfarçado.

(Estava ficando frio no jardim. Prosseguimos a conversa no gabinete. Vi uma pilha de manuscritos sobre a mesa, com a caligrafia clara de Freud).

Viereck – Em que o senhor está trabalhando?

Freud – Estou escrevendo uma defesa da análise leiga, da psicanálise praticada por leigos. Os doutores querem tornar a análise ilegal para os não médicos. A História, essa velha plagiadora, repete-se após cada descoberta. Os doutores combatem cada nova verdade no começo; depois procuram monopolizá-la.

Viereck – O senhor teve apoio dos leigos?

Freud – Alguns dos meus melhores discípulos são leigos.

Viereck – O senhor está praticando muito a psicanálise?

Freud – Certamente. Nesse momento estou trabalhando num caso muito difícil, tentando desatar os conflitos psíquicos de um interessante novo paciente. Minha filha também é psicanalista, como você vê...

(Nesse ponto apareceu Miss Anna Freud, acompanhada por seu paciente, um garoto de onze anos, de feições inconfundivelmente anglo-saxônicas).

Viereck – O senhor já analisou a si mesmo?

Freud – Certamente. O psicanalista deve constantemente analisar a si mesmo. Analisando a nós mesmos, ficamos mais capacitados a analisar os outros. O psicanalista é como o bode expiatório dos hebreus. Os outros descarregam seus pecados sobre ele. Ele deve praticar sua arte à perfeição, para desvencilhar-se do fardo jogado sobre ele.

Viereck – Minha impressão é de que a psicanálise desperta em todos os que a praticam o espírito da caridade cristã. Nada existe na vida humana que a psicanálise não possa nos fazer compreender. *“Tout comprendre c'est tout pardonner”* (“Tudo compreender é tudo perdoar”).

Freud – Pelo contrário (esbravejou Freud – suas feições assumindo a severidade de um profeta hebreu). Tudo compreender não é tudo perdoar. A análise nos ensina não apenas o que podemos suportar, mas também o que devemos evitar. Ela nos diz o que deve ser eliminado. A tolerância para com o mal não é de maneira alguma um corolário do conhecimento.

(Compreendi subitamente porque Freud entrara em litígio com os seguidores que o haviam abandonado, porque ele não perdoa as dissensões do caminho reto da ortodoxia psicanalítica. Seu senso do que é direito é herança de seus ancestrais. Uma herança de que ele se orgulha como se orgulha de sua raça).

Minha língua é o alemão. Minha cultura, minhas realizações são alemãs. Eu me considerava intelectualmente alemão, até que notei o crescimento do preconceito antissemita na Alemanha e na Áustria alemã. Desde então, prefiro denominar-me judeu.

(Fiquei algo desapontado com essa observação. Parecia-me que o espírito de Freud deveria habitar as alturas, para além de qualquer preconceito de raça, que deveria ser imune a qualquer rancor pessoal. No entanto, precisamente a sua indignação, a sua honesta ira, tornavam-no mais atraente como ser humano. Aquiles seria intolerável, não fosse por seu calcanhar!)

Viereck – Fico contente, Herr Professor, de que também o senhor tenha seus complexos, de que também o senhor demonstre que é um mortal!

Freud – Nossos complexos são a fonte de nossa fraqueza; mas, com frequência, são também a fonte de nossa força.

Viereck – Imagino, observei, quais seriam os seus complexos!

Freud – Uma análise séria dura ao menos um ano. Pode durar mesmo dois ou três anos. Você está dedicando muitos anos de sua vida à “caça aos leões”. Você procura sempre as pessoas de destaque para a sua geração: Roosevelt, o Kaiser, Hindenburg, Briand, Foch, Joffre, Georg Brandes, Gerhart Hauptmann, George Bernard Shaw...

Viereck – É parte do meu trabalho.

Freud – Mas é também sua preferência. O grande homem é um símbolo. A sua busca é a busca de seu coração. Você está procurando o grande homem para tomar o lugar de seu pai. É parte de seu “complexo do pai”.

(Neguei veementemente a afirmação de Freud. No entanto, refletindo sobre isso, parece-me que pode haver uma verdade, ainda não suspeitada por mim, em sua sugestão casual. Pode ser a mesma atração que me levou a ele.)

Viereck – Gostaria (observei após um momento) de poder ficar aqui o bastante para vislumbrar o meu coração através dos seus olhos. Talvez, como a Medusa, eu morresse de pavor ao ver minha própria imagem! Entretanto, receio ser muito informado sobre a psicanálise. Eu frequentemente anteciparia, ou tentaria antecipar, suas intenções.

Freud – A inteligência, num paciente, não é um empecilho. Pelo contrário, às vezes facilita o trabalho.

(Nesse ponto, o mestre da psicanálise diverge de muitos dos seus seguidores, que não gostam de excessiva segurança no paciente sob seu escrutínio).

Viereck – Às vezes, imagino se não seríamos mais felizes caso soubéssemos menos dos processos que dão forma a nossos pensamentos e emoções. A psicanálise rouba à vida seu último encanto, ao relacionar cada sentimento ao seu grupo original de complexos. Não nos tornamos mais alegres descobrindo que nós todos abrigamos em nossos corações o selvagem, o criminoso e o animal.

Freud – Que objeção pode haver contra os animais? Eu prefiro a companhia dos animais à companhia humana.

Viereck – Por quê?

Freud – Porque são tão mais simples! Não sofrem de uma personalidade dividida, da desintegração do ego, que resulta da tentativa do homem de adaptar-se a padrões de civilização demasiado elevados para o seu mecanismo intelectual e psíquico. O selvagem, como o animal, é cruel, mas não tem a maldade do homem civilizado. A maldade é a vingança do homem contra a sociedade, pelas restrições que ela impõe. As mais desagradáveis características do homem são geradas por esse ajustamento precário a uma civilização complicada. É o resultado do conflito entre nossas pulsões e nossa cultura. Muito mais agradáveis são as emoções simples e diretas de um cão, ao balançar a cauda, ou ao latir expressando seu desprazer. As emoções do cão (acrescentou Freud pensativamente) lembram-nos os heróis da Antiguidade. Talvez seja essa a razão por que inconscientemente damos a nossos cães nomes de heróis antigos como Aquiles e Heitor.

Viereck – Meu cachorro é um doberman pinscher chamado Ajax.

Freud – (sorrindo) Fico contente de que não possa ler. Ele certamente seria um membro menos querido da casa, se pudesse latir sua opinião sobre os traumas psíquicos e o complexo de Édipo!

Viereck – Mesmo o senhor, Professor, acha a existência complexa demais. No entanto, parece-me que o senhor é em parte responsável pelas complexidades da civilização moderna. Antes que o senhor inventasse a psicanálise, não sabíamos que nossa personalidade é dominada por uma hoste beligerante de complexos muito questionáveis. A psicanálise fez da vida um quebra-cabeças complicado.

Freud – De maneira alguma. A psicanálise torna a vida mais simples. Adquirimos uma nova síntese depois da análise. A psicanálise reordena um emaranhado de impulsos dispersos, procura enrolá-los em torno do seu carretel. Ou, modificando a metáfora, ela fornece o fio que conduz a pessoa para fora do labirinto do seu inconsciente.

Viereck – Ao menos na superfície, porém, a vida humana nunca foi mais complexa. E a cada dia alguma nova ideia proposta pelo senhor ou por seus discípulos torna o problema da conduta humana mais intrigante e mais contraditório.

Freud – A psicanálise, pelo menos, jamais fecha a porta a uma nova verdade.

Viereck – Alguns dos seus discípulos, mais ortodoxos do que o senhor, apegam-se a cada pronunciamento que sai da sua boca.

Freud – A vida muda. A psicanálise também muda. Estamos apenas no começo de uma nova ciência.

Viereck – A estrutura científica que o senhor ergueu me parece ser muito elaborada. Seus fundamentos – a teoria do “deslocamento”, da “sexualidade infantil”, do “simbolismo dos sonhos” etc. – parecem permanentes.

Freud – Eu repito, porém, que nós estamos apenas no início. Sou apenas um iniciador. Consegui desencavar monumentos soterrados nos substratos da mente. Mas ali onde eu descobri alguns templos, outros poderão descobrir continentes.

Viereck – O senhor ainda coloca ênfase sobretudo no sexo?

Freud – Respondo com as palavras do seu próprio poeta, Walt Whitman: “Mas tudo faltaria, se faltasse o sexo” (“*Yet all were lacking, if sex were lacking*”). Entretanto, já lhe expliquei que agora coloco ênfase quase igual naquilo que está “além” do prazer – a morte, a negação da vida. Esse desejo explica por que alguns homens amam a dor – como um passo para o aniquilamento! Explica por que todos buscam o descanso, por que os poetas agradecem a

<i>“Whatever gods there be, That no life lives forever And even the weariest river Winds somewhere safe to sea.”</i>	(“Quaisquer deuses que existam Que vida nenhuma viva para sempre E também o rio mais cansado Deságue tranquilo no mar.”)
--	---

Viereck – Shaw, como o senhor, não deseja viver para sempre, mas, ao contrário do senhor, ele considera o sexo desinteressante.

Freud – (sorrindo) Shaw não compreende o sexo. Ele não tem a mais remota concepção do amor. Não há um verdadeiro caso amoroso em qualquer de suas peças. Ele ridiculariza o amor de Júlio César, talvez a maior paixão da história. Deliberadamente, talvez maliciosamente, ele despe Cleópatra de toda grandeza, reduzindo-a a uma insignificante garota. A razão para a estranha atitude de Shaw diante do amor, para a sua negação do móbil de todas as coisas humanas, que tira de suas peças o apelo universal, apesar do seu enorme alcance intelectual, é inerente à sua psicologia. Em um de seus prefácios, ele mesmo enfatiza o traço ascético do seu temperamento. Eu posso ter errado em muitas coisas, mas estou certo de que não errei ao enfatizar a importância da pulsão sexual. Por ser tão forte, ela se choca sempre com as convenções e salvaguardas da civilização. A humanidade, em uma espécie de autodefesa, procura negar sua importância. Se você arranhar um russo, diz o provérbio, aparece o tártaro sob a pele. Analise qualquer emoção humana, não

importa quão distante esteja da esfera da sexualidade, e você certamente encontrará esse impulso primordial, ao qual a própria vida deve a perpetuação.

Viereck – O senhor, sem dúvida, foi bem sucedido em transmitir esse ponto de vista aos escritores modernos. A psicanálise deu novas intensidades à literatura.

Freud – Também recebeu muito da literatura e da filosofia. Nietzsche foi um dos primeiros psicanalistas. É surpreendente até que ponto sua intuição prenuncia as nossas descobertas. Ninguém se apercebeu mais profundamente dos motivos duais da conduta humana e da insistência do princípio de prazer em predominar indefinidamente. O Zaratustra diz:

“A dor
Grita: Vai!
Mas o prazer quer eternidade
Pura, profunda eternidade”.

A psicanálise pode ser menos amplamente discutida na Áustria e na Alemanha do que nos Estados Unidos, a sua influência na literatura é imensa, porém. Thomas Mann e Hugo von Hofmannsthal muito devem a nós. Schnitzler percorre uma via que é, em larga medida, paralela ao meu próprio desenvolvimento. Ele expressa poeticamente o que eu tento comunicar cientificamente. Mas o Dr. Schnitzler não é apenas um poeta, é também um cientista.

Viereck – O senhor não é apenas um cientista, mas também um poeta. A literatura americana está impregnada da psicanálise. Rupert Hughes, Harvey O'Higgins e outros fazem-se de seus intérpretes. É quase impossível abrir um novo romance sem encontrar referência à psicanálise. Entre os dramaturgos, Eugene O'Neill e Sydney Howard têm profunda dívida para com o senhor. *The Silver Cord*, por exemplo, é simplesmente uma dramatização do complexo de Édipo.

Freud – Eu sei e aprecio o cumprimento que há nessa constatação. Mas tenho receio da minha popularidade nos Estados Unidos. O interesse americano pela psicanálise não se aprofunda. A popularização leva à aceitação superficial sem estudo sério. As pessoas apenas repetem as frases que aprendem no teatro ou na imprensa. Pensam compreender algo da psicanálise porque brincam com seu jargão! Eu prefiro a ocupação intensa com a psicanálise, tal como ocorre nos centros europeus. A América foi o primeiro país a reconhecer-me oficialmente. A Clark University concedeu-me um diploma honorário quando eu ainda era ignorado na Europa. Entretanto, a América fez poucas contribuições originais à psicanálise. Os americanos são divulgadores inteligentes, raramente são pensadores criativos. Os médicos, nos Estados Unidos, e ocasionalmente também na Europa, procuram monopolizar para si a psicanálise. Mas seria um perigo para a psicanálise deixá-la exclusivamente nas mãos dos médicos. Pois uma formação estritamente médica é, com frequência, um empecilho para o psicanalista. É sempre um empecilho, quando certas concepções científicas tradicionais ficam arraigadas no cérebro do estudioso.

(Freud tem que dizer a verdade a qualquer preço! Ele não pode obrigar a si mesmo a agradar a América, onde está a maioria de seus admiradores. Apesar da sua intransigente integridade, Freud é a urbanidade em pessoa. Ele ouve

pacientemente cada intervenção, não procurando jamais intimidar o entrevistador. Raro é o visitante que deixa a sua presença sem algum presente, algum sinal de hospitalidade! Havia escurecido. Era tempo de eu tomar o trem de volta à cidade que uma vez abrigara o esplendor imperial dos Habsburgos. Acompanhado da esposa e da filha, Freud desceu os degraus que levam do seu refúgio na montanha à rua, para me ver partir. Ele me pareceu cansado e triste ao dar o seu adeus).

Freud – Não me faça parecer um pessimista (disse ele após o aperto de mão). Eu não tenho desprezo pelo mundo. Expressar desdém pelo mundo é apenas outra forma de cortejá-lo, de ganhar audiência e aplauso. Não, eu não sou um pessimista, não, enquanto tiver meus filhos, minha mulher e minhas flores! Não sou infeliz – ao menos não mais infeliz que os outros.

(O apito do meu trem soou na noite. O automóvel me conduziu rapidamente para a estação. Aos poucos, o vulto ligeiramente curvado e a cabeça grisalha de Sigmund Freud desapareceram na distância).



“Não há crise da psicanálise”: entrevista de Jacques Lacan a Emilio Granzotto⁴

Tradução: Marcia Gatto

Revisão: Sonia Leite



Emilio Granzotto – Fala-se cada vez mais frequentemente de crise da psicanálise. Sigmund Freud, dizem, está ultrapassado, a sociedade moderna descobriu que sua obra não seria suficiente para compreender o homem nem para interpretar a fundo sua relação com o mundo.

Jacques Lacan – São histórias. Em primeiro lugar, a *crise*. Ela não existe, não pode existir. A psicanálise não encontrou exatamente seus próprios limites, ainda não. Ainda há muito a descobrir na prática e no conhecimento. Na psicanálise, não há solução imediata, mas somente a longa e paciente busca das razões. Em segundo lugar, Freud. Como julgá-lo ultrapassado se nós ainda não o compreendemos inteiramente? O que é certo, é que ele nos fez conhecer coisas totalmente novas, que não teríamos nem mesmo imaginado antes dele. Desde os problemas do inconsciente à importância da sexualidade, do acesso ao simbólico ao assujeitamento às leis da linguagem. Sua doutrina colocou em questão a verdade, algo que concerne a todos e a cada um pessoalmente. É outra coisa que uma crise. Eu o repito: estamos longe de Freud. Seu nome tem também servido para recobrir muitas coisas, houve desvios, os discípulos nem sempre seguiram fielmente o modelo, confusões foram criadas. Após sua morte em 1939, alguns de seus alunos também pretenderam exercer a psicanálise de maneira diferente, reduzindo seu ensino a alguma fórmula banal: a técnica como ritual, a prática restrita ao tratamento do comportamento, e como meio de readaptação do indivíduo a seu meio social. É a negação de Freud, uma “psicanálise

⁴ Lacan, Jacques. “Não há crise da psicanálise” – Entrevista concedida a Emilio Granzotto na revista italiana *Panorama* em 1974 [publicada na revista francesa *Magazine Littéraire* de fevereiro de 2004, traduzida do italiano por Paul Lemoine.]

de conforto”, de salão. Ele próprio o havia previsto. Há três posições insustentáveis, dizia ele, três tarefas impossíveis: governar, educar e exercer a psicanálise. Atualmente, pouco importa quem assume a responsabilidade de governar, e todo o mundo se pretende educador. Quanto aos psicanalistas, graças a Deus, eles prosperam, como os magos e curandeiros. Propor às pessoas ajudá-las significa um sucesso assegurado e a clientela passa a se acotovelar na porta. A psicanálise é outra coisa.

Granzotto – O que exatamente?

Lacan – Eu a defino como sintoma – revelador do mal-estar da civilização na qual vivemos. Certamente, não é uma filosofia. Detesto a filosofia, há muito tempo ela não diz mais nada de interessante. A psicanálise também não é uma fé, e não me agrada chamá-la de ciência. Digamos que é uma prática e que ela se ocupa do que não está funcionando. Terrivelmente difícil, porque ela pretende introduzir na vida do dia-a-dia, o impossível, o imaginário. Ela obteve alguns resultados até o presente, mas ela ainda não tem regras e se presta a toda sorte de equívocos. É preciso não esquecer que se trata de algo totalmente novo, seja do ponto de vista da medicina, seja do da psicologia e seus anexos. Ela também é muito jovem. Freud morreu há apenas trinta e cinco anos. Seu primeiro livro, *A interpretação dos sonhos*, foi publicado em 1900 com muito pouco sucesso. Foram vendidos, creio, trezentos exemplares em alguns anos. Ele tinha poucos alunos, tomados por loucos e que nem mesmo estavam de acordo sobre a maneira de colocar em prática e de interpretar o que eles tinham aprendido.

Granzotto – O que não funciona hoje no homem?

Lacan – É essa grande lassidão, a vida como consequência da corrida pelo progresso. Através da psicanálise, as pessoas esperam descobrir até onde se pode ir arrastando essa lassidão.

Granzotto – O que impele as pessoas a fazerem análise?

Lacan – O medo. Quando lhe acontecem coisas, mesmo desejadas, coisas que ele não compreende, o homem tem medo. Ele sofre por não compreender, e pouco a pouco cai num estado de pânico. É a neurose. Na neurose histérica, o corpo fica doente de medo de estar doente, e sem estar na realidade. Na neurose obsessiva, o medo coloca coisas bizarras na cabeça, pensamentos que não podemos controlar, fobias nas quais as formas e os objetos adquirem significações diversas e que dão medo.

Granzotto – Por exemplo?

Jacques Lacan – Acontece ao neurótico se sentir pressionado por uma necessidade assustadora de ir dezenas de vezes verificar se uma torneira está realmente fechada, ou se uma coisa está no lugar correto, sabendo, entretanto, com certeza, que a torneira está como deve estar e que a coisa está no lugar onde ela deve ser encontrada. Não há pílulas para curar isso. É preciso descobrir porque isso acontece e saber o que isso significa.

Granzotto – E a cura?

Lacan – O neurótico é um doente que se trata com a fala, e acima de tudo, com a dele. Ele deve falar, contar, explicar-se a si próprio. Freud define a psicanálise como a assunção da parte do sujeito de sua própria história, na medida em que ela é constituída pela fala endereçada a um outro. A psicanálise é o reino da fala, não há outro remédio. Freud explicava que o inconsciente não é tão profundo quanto inacessível ao aprofundamento consciente. E ele dizia que nesse inconsciente, aquele que fala é um sujeito dentro do sujeito, transcendendo o sujeito. A palavra é a grande força da psicanálise.

Granzotto – Palavra de quem? Do doente ou do psicanalista?

Lacan – Em psicanálise os termos “doente”, “médico”, “remédio” não são mais justos que as fórmulas no passivo que se adota comumente. Dizemos: se fazer psicanalisar. É um erro. Aquele que faz o verdadeiro trabalho em psicanálise é aquele que fala, o sujeito analisante. Mesmo se ele o faz da maneira sugerida pelo analista, que lhe indica como proceder e o ajuda por suas intervenções. Também lhe é fornecida uma interpretação. À primeira vista, ela parece dar um sentido ao que o analisante diz. Na realidade, a interpretação é mais sutil, tendendo a apagar o sentido das coisas pelas quais o sujeito sofre. O objetivo é mostrar-lhe, através de seu próprio relato, que o sintoma, a doença digamos, não tem nenhuma relação com nada, que ela é privada de qualquer sentido que seja. Mesmo se na aparência ela é real, ela não existe. As vias pelas quais esse ato da fala procede, demandam muita prática e uma infinita paciência. A paciência e a medida são os instrumentos da psicanálise. A técnica consiste em saber medir a ajuda que se deve dar ao sujeito analisante. Em consequência, a psicanálise é difícil.

Granzotto – Quando falamos de Jacques Lacan, associamos inevitavelmente esse nome a uma fórmula, o “retorno a Freud”. O que isso significa?

Lacan – Exatamente o que é dito. A psicanálise é Freud. Se queremos fazer psicanálise, é necessário voltar a Freud, a seus termos e a suas definições, lidos e interpretados no sentido literal. Fundei em Paris uma Escola freudiana precisamente com esse objetivo. Há vinte anos ou mais que exponho meu ponto de vista: retornar a Freud significa simplesmente liberar, por exemplo, o terreno dos desvios e dos equívocos da fenomenologia existencial, assim como do formalismo institucional das sociedades psicanalíticas, retornando à leitura do ensino de Freud, segundo os princípios definidos e enumerados a partir de seu trabalho. Rer ler Freud quer dizer somente rer ler Freud. Em psicanálise, quem não o faz utiliza uma fórmula abusiva.

Granzotto – Mas Freud é difícil. E Lacan, dizem, o torna completamente incompreensível. Censura-se Lacan de falar e, sobretudo, de escrever de tal maneira que somente muito poucos adeptos podem esperar compreender.

Lacan – Eu sei, tomam-me por um obscuro que esconde seu pensamento em cortinas de fumaça. Eu me pergunto por quê. A propósito da análise, repito com Freud, que é “o jogo intersubjetivo através do qual a verdade entra no real”. Não está claro? Mas a psicanálise não é um negócio para crianças. Meus livros são definidos como incompreensíveis. Mas para quem? Eu não os escrevi para todo o mundo, para que sejam compreendidos por todos. Ao contrário, nunca me ocupei minimamente de

agradar qualquer leitor que seja. Eu tinha coisas a dizer e as disse. É-me suficiente ter um público que leia. Se ele não compreende, paciência. Quanto ao número de leitores, tive mais sorte que Freud. Meus livros são mesmo muito lidos, fico surpreso com isso. Também estou convencido de que em dez anos no máximo, aquele que me lerá me achará extremamente transparente, como um belo copo de cerveja. Então, talvez até se diga: “Esse Lacan, que banalidade!”.

Granzotto – Quais são as características do lacanismo?

Lacan – É um pouco cedo para dizê-lo, no momento o lacanismo ainda não existe. Sente-se apenas o cheiro, como um pressentimento. Lacan, em todos os casos, é um senhor que pratica a psicanálise há pelo menos quarenta anos, e que há outros tantos anos a estuda. Eu creio no estruturalismo e na ciência da linguagem. Escrevi em meu livro que “aquilo a que nos conduz a descoberta de Freud é a enormidade da ordem na qual entramos, na qual nascemos, se assim podemos nos exprimir, uma segunda vez, saindo do estado chamado, a justo título, *infans*, sem a fala”. A ordem simbólica sobre a qual Freud fundou sua descoberta é constituída pela linguagem como momento do discurso universal concreto. É o mundo da fala que cria o mundo das coisas, inicialmente confusas em tudo aquilo que está em devir. Há somente as palavras para dar um sentido completo à essência das coisas. Sem as palavras, nada existiria. O que seria o prazer sem a intermediação da palavra? Minha opinião é que Freud, enunciando em suas primeiras obras – *A interpretação dos sonhos, Além do princípio de prazer, Totem e tabu* – as leis do inconsciente, formulou, como precursor, as teorias com as quais, alguns anos mais tarde, Ferdinand de Saussure teria aberto a via à linguística moderna.

Granzotto – E o pensamento puro?

Lacan – Ele está submetido como todo o resto às leis da linguagem. São somente as palavras que podem engendrará-lo e dar-lhe consistência. Sem a linguagem a humanidade não daria um passo adiante nas pesquisas do pensamento. É o caso da psicanálise. Qualquer que seja a função que possamos lhe atribuir, agente de cura, de formação ou de sondagem, há apenas um meio do qual nos servimos: a fala do paciente. E toda fala merece resposta.

Granzotto – A análise como diálogo, portanto. Há pessoas que a interpretam mais como um sucedâneo da confissão.

Lacan – Mas que confissão? Ao psicanalista confessamos um belo nada. Lhe dizemos, simplesmente, tudo o que se passa pela cabeça. Palavras, precisamente. A descoberta da psicanálise é o homem como animal falante. Cabe ao analista ordenar as palavras que ele escuta e dar-lhes um sentido, uma significação. Para fazer uma boa análise, é necessário o acordo, o entendimento entre o analisante e o analista. Através do discurso de um, o outro procura fazer uma ideia do que se trata, e encontrar além do sintoma aparente o nó difícil da verdade. A outra função do analista é explicar o sentido das palavras para fazer compreender ao paciente o que se pode esperar da análise.

Granzotto – É uma relação de extrema confiança.

Lacan – Talvez uma troca, na qual o importante é que um fala e o outro escuta. Também o silêncio. O analista não coloca questão e não tem ideias. Ele não dá senão as respostas que ele, de bom grado, aceita dar às questões que sua vontade suscita. Mas ao final de tudo, o analisante vai sempre aonde seu analista o conduz.

Granzotto – O senhor acaba de falar do tratamento. Há possibilidade de curar? Sai-se da neurose?

Lacan – A psicanálise tem sucesso quando ela desobstrui o terreno, sai do sintoma, sai do real. Quer dizer quando ela chega à verdade.

Granzotto – O senhor pode enunciar o mesmo conceito de uma maneira menos lacaniana?

Lacan – Eu chamo sintoma tudo aquilo que vem do real. E o real tudo aquilo que não vai bem, que não funciona, que se opõe à vida do homem e que afronta sua personalidade. O real volta sempre ao mesmo lugar. Você sempre o encontrará lá, com os mesmos semblantes. Os cientistas dizem que nada é impossível no real. É preciso ter um execrável topete para afirmar coisas desse gênero, ou então, como eu suspeito, a total ignorância do que se faz e diz. O real e o impossível são antitéticos, eles não podem caminhar juntos. A análise coloca o sujeito na direção do impossível, ela lhe sugere considerar o mundo como ele é realmente, isto é, imaginário, sem significação. Enquanto que o real, como uma ave voraz, só faz se alimentar de coisas sensatas, de ações que têm sentido. Ouve-se repetir que é preciso dar um sentido a isso e a aquilo, aos seus próprios pensamentos, as suas próprias aspirações, aos desejos, ao sexo, à vida. Mas da vida não sabemos nada de nada. Os sábios perdem o fôlego a nos explicar. Meu medo é que por sua falta, o real, essa coisa monstruosa que não existe, acabe por conseguir levar a melhor. A ciência tem ocupado o lugar da religião, e ela é de outro lado mais despótica, obtusa e obscurantista. Há um deus-átomo, um deus-espaco, etc. Se a ciência ganha ou a religião, a psicanálise está acabada.

Granzotto – Atualmente, que relação existe entre a ciência e a psicanálise?

Lacan – Para mim a única ciência verdadeira, séria, a ser seguida, é a ciência-ficção. A outra, a oficial, que tem seus altares nos laboratórios, avança às cegas, sem um meio correto. E ela começa, até mesmo, a ter medo de sua sombra. Parece que chegou o momento da angústia para os sábios. Em seus laboratórios assépticos, alinhados em seus jalecos engomados, esses velhos-meninos que brincam com coisas desconhecidas, fabricando aparelhos cada vez mais complicados inventando fórmulas cada vez mais obscuras, começam a se perguntar o que poderá acontecer amanhã, o que essas pesquisas sempre novas acabarão por trazer. Enfim! Digo. E se fosse muito tarde? Os biólogos se perguntam agora, ou os físicos, os químicos. Para mim, eles são loucos. No momento em que eles já estão mudando a face do universo, somente agora lhes vem ao espírito se perguntar se por acaso isso pode ser perigoso? E se tudo explodisse? Se as bactérias criadas tão amorosamente nos brancos laboratórios se transformassem em inimigos mortais? Se o mundo fosse varrido por uma horda dessas bactérias com toda a merda que o habita, a começar por esses sábios dos laboratórios? Às três posições impossíveis de Freud, governo, educação e psicanálise,

eu acrescentaria uma quarta: a ciência. Ademais, que os sábios não sabem que sua posição é insustentável.

Granzotto – Eis uma versão bastante pessimista do que chamamos progresso.

Lacan – Não, é algo completamente diferente. Eu não sou pessimista. Nada acontecerá. Pela simples razão de que o homem é um nada, nem mesmo capaz de destruir a si próprio. Pessoalmente, acharia maravilhoso um flagelo total produzido pelo homem. Isso seria a prova de que ele conseguiu fazer alguma coisa com suas mãos, sua cabeça, sem intervenções divina, natural ou outros. Todas essas belas bactérias superalimentadas para a diversão, espalhadas através do mundo como os gafanhotos da Bíblia, significariam o triunfo do homem. Mas isso não acontecerá. A ciência atravessa felizmente sua crise de responsabilidade, tudo entrará na ordem das coisas, como se diz. Eu anunciei: o real levará vantagem, como sempre. E nós estaremos como sempre ferrados.

Granzotto – Outro paradoxo de Jacques Lacan. Censuram-lhe, além da dificuldade da língua e a obscuridade dos conceitos, os jogos de palavras, os gracejos de linguagem, os trocadilhos à francesa, e justamente, os paradoxos. Aquele que escuta, ou que lê o senhor, tem o direito de se sentir desorientado.

Lacan – De fato eu não brinco, digo coisas muito sérias. Eu apenas me sirvo da fala, como os sábios, de seus almanaques e de suas montagens eletrônicas. Eu procuro me referir sempre à experiência da psicanálise.

Granzotto – O senhor diz : o real não existe. Mas o homem médio sabe que o real é o mundo, tudo que o cerca, que ele vê a olho nu, toca.

Lacan – Livremo-nos também desse homem médio que, em primeiro lugar, não existe. É apenas uma ficção estatística. Existem indivíduos, é tudo. Quando ouço falar do homem da rua, de pesquisas de opinião, de fenômenos de massa e de coisas desse gênero, penso em todos os pacientes que vi passar pelo divã em quarenta anos de escuta. Nenhum, em qualquer medida, é semelhante ao outro, nenhum tem as mesmas fobias, as mesmas angústias, o mesmo modo de contar, o mesmo medo de não compreender. O homem médio, quem é? Eu, o senhor, meu porteiro, o presidente da República?

Granzotto – Nós falávamos de real, do mundo que todos nós vemos.

Lacan – Justamente. A diferença entre o real, isto é, o que não vai bem e o simbólico, o imaginário, isto é, a verdade, é que o real, é o mundo. Para constatar que o mundo não existe, que ele não está aqui, é suficiente pensar em todas as banalidades que uma infinidade de imbecis acreditam ser o mundo. E convido meus amigos de *Panorama*, antes de me acusarem de paradoxo, a apenas refletirem bem sobre o que leram.

Granzotto – Se diria que o senhor está cada vez mais pessimista.

Lacan – Não é verdade. Não me enquadro nem entre os alarmistas nem entre os angustiados. Infeliz do psicanalista que não tiver ultrapassado o estádio da angústia.

É verdade, existem à nossa volta coisas horripilantes e devoradoras, como a televisão pela qual uma grande parte de nós é fagocitada. Mas isto é apenas porque existem pessoas que se deixam fagocitar e que até inventam um interesse para aquilo que elas veem. E depois há outras coisas monstruosas, e de outro modo devoradoras: os foguetes que vão à lua, as pesquisas no fundo dos oceanos, etc. Todas as coisas que devoram. Mas não há porque se fazer um drama disso. Estou certo de que assim que estivermos de saco cheio de foguetes, da televisão e de todas suas malditas pesquisas no vazio, encontraremos outra coisa com a qual nos ocupar. É uma revivescência da religião, não é? E qual o melhor monstro devorador do que a religião? É uma festa contínua com a qual se pode divertir por séculos, como isso já foi demonstrado. Minha resposta a tudo isso é que o homem sempre soube se adaptar ao mal. O único real que podemos conceber, ao qual temos acesso é justamente este, será preciso arranjar uma razão: dar um sentido às coisas, como dizíamos. De outra forma, o homem não teria angústia, Freud não teria se tornado célebre, e eu seria professor de segundo grau.

Granzotto – As angústias são todas dessa natureza ou existem angústias ligadas a certas condições sociais, a certa época histórica, a certas regiões?

Lacan – A angústia do sábio, que tem medo de suas descobertas, pode parecer recente. Mas o que sabemos nós do que aconteceu em outros tempos? Dos dramas de outros pesquisadores? A angústia do operário escravo da cadeia de montagem, como um remo de galera, é a angústia de hoje. Ou, mais simplesmente, ela está ligada às definições e às palavras de hoje.

Granzotto – Mas o que é a angústia para a psicanálise?

Lacan – Algo que se situa fora de nosso corpo, um medo, mas de nada, que o corpo, espírito incluído, possa justificar. O medo do medo, em suma. Muitos desses medos, muitas dessas angústias, no nível em que os percebemos têm relação com o sexo. Freud dizia que a sexualidade, para o animal falante que se chama homem, é sem remédio e sem esperança. Uma das tarefas do analista é encontrar na fala do paciente, a relação entre a angústia e o sexo, esse grande desconhecido.

Granzotto – Agora que se distribui sexo em todas as esquinas, sexo no cinema, sexo no teatro, na televisão, nos jornais, nas canções, nas praias, ouve-se dizer que as pessoas estão menos angustiadas com os problemas ligados à esfera sexual. Os tabus caíram, dizem, o sexo não dá mais medo.

Lacan – A sexomania invasora é apenas um fenômeno publicitário. A psicanálise é uma coisa séria que diz respeito, repito-o, a uma relação estritamente pessoal entre dois indivíduos: o sujeito e o analista. Não existe psicanálise coletiva, assim como não existe angústias ou neuroses de massa. Que o sexo seja colocado na ordem do dia e exposto na esquina das ruas, tratado como um detergente qualquer nos carros televisivos, não comporta nenhuma promessa de algum benefício. Não digo que isso seja um mal. Não é suficiente, certamente, para tratar as angústias e os problemas particulares. Faz parte da moda, dessa fingida liberalização que nos é fornecida, como um bem dado de cima, pela dita sociedade permissiva. Mas não serve ao nível da psicanálise.

Entrevista com Elisabeth Roudinesco:

“Si el psicoanálisis pierde su dimensión literaria, se convierte en mera psicoterapia”⁵

Historiadora y psicoanalista, biógrafa de Lacan y de Freud, afirma que “los psicoanalistas perdieron la profundidad de la cultura freudiana” y que la crisis de su disciplina no es clínica, sino intelectual.



Elisabeth Roudinesco. Foto: Olivier Betourné.

Parecía sólo una cuestión de tiempo que la historiadora y psicoanalista Elisabeth Roudinesco (París, 1944) llegara a escribir la biografía de Sigmund Freud: es una de las mayores especialistas del mundo en la historia del psicoanálisis -autora del célebre Diccionario de psicoanálisis, entre otras obras- y ya había publicado la biografía de Jacques Lacan, elogiosamente recibida por el público y la crítica, y también por la cofradía psicoanalítica francesa.

A pesar de que Freud en su tiempo y en el nuestro (Debate), acaparó elogios, ganó dos premios literarios, se perfila como la biografía definitiva y se está traduciendo a diecisiete lenguas, recibió el rechazo absoluto de los psicoanalistas franceses. “No les gustó nada la biografía de Freud porque no les gusta la historia, prefieren las leyendas. Se dedican a escribir, interpretar y sobreinterpretar cosas que nunca ocurrieron. Hay una negación total de los archivos, los datos y los acontecimientos”, enfatiza Roudinesco, discípula de Tzvetan Todorov, Michel de Certeau, Gilles Deleuze y Michel Foucault.

La apertura de documentos clasificados del fundador del psicoanálisis que se pusieron a disposición del público en 2010 (miles de cartas, textos y postales, e

⁵ Publicado originalmente no jornal *La Nación* em 17 de setembro de 2017. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/2062983-elisabeth-roudinesco-si-el-psicoanalisis-pierde-su-dimension-literaria-se-convierte-en-mera-psicoterapia>>.

historias de 120 pacientes), reunidos en la Biblioteca del Congreso de Washington, coronó una faena en la que Roudinesco se venía concentrando desde hacía años: estudiar, escribir y enseñar Freud. En la elaboración de esta exhaustiva y documentada biografía, la escritora se aleja tanto de las hagiografías como de las leyendas negras, plagadas de rumores y mentiras, y se aferra con ahínco al dato y la evidencia para reconstruir la vida cotidiana de Freud, el entorno vienés, sus vínculos familiares y la etapa del exilio.

Freud logró crear una doctrina “a medio camino entre el saber racional y el pensamiento salvaje, entre la medicina del alma y la técnica de la confesión”, afirma Roudinesco. Si el siglo XX fue el del psicoanálisis, el siglo XXI es el de las psicoterapias múltiples adoptadas y consumidas por las clases medias de los países democráticos en los que el psicoanálisis se expandió: tratamientos cortos para soluciones concretas e inmediatas. Roudinesco sabe que el psicoanálisis hoy está asediado y cercado por las neurociencias, el avance de la farmacología y el consumo de psicofármacos, y la proliferación de diversas psicoterapias.

“Para el conductivismo y las terapias actuales la voluntad individual es más potente que el peso del pasado”, sostuvo en su paso por Buenos Aires, adonde llegó invitada por la Biblioteca Nacional, el Institut Français d'Argentine y Penguin Random House para participar de la inauguración del Centro Argentino de Historia del Psicoanálisis, la Psicología y la Psiquiatría de la Biblioteca Nacional y presentar también *El inconsciente explicado a mi nieto* (Libros del Zorzal).

- Freud ya había sido biografiado por diversos autores. ¿Qué descubrió en estos archivos en Washington?

Roudinesco – No hay primicias. Contrariamente a todos los rumores, no hay documentos que puedan cambiar radicalmente la visión de Freud. Todavía hay archivos que no están desclasificados, que atañen a los pacientes o de discípulos de Freud, cuyas familias aún no quieren que sus historias se revelen. Pero no creo que la apertura de esos archivos sobre pacientes produzca un cambio radical en la imagen que tenemos de Freud. Por el momento conocemos cincuenta casos, pero es posible que haya más de ciento veinte. Sería un trabajo muy interesante de hacer: investigar y explorar las historias de esos pacientes.

- ¿Qué privilegio en su búsqueda?

Roudinesco – Las curiosidades. Hay muchísimos pequeños testimonios, cartas breves de gente que conoció a Freud y todos los archivos sobre el período de su exilio. Existe el testimonio de un librero en Viena que cuenta todos los libros que Freud iba a buscar, un encuentro con un desconocido en Roma, las entrevistas que le hicieron a Freud, hay de todo: es el depósito de toda esa memoria en movimiento.

- Es curioso que Freud haya sido biografiado por norteamericanos e ingleses y no por franceses, en tanto Francia es el reino del psicoanálisis.

Roudinesco – Soy la primera francesa en hacer este trabajo. No, no es curioso que esto pase. Desde hace cincuenta años los trabajos historiográficos son norteamericanos, anglófonos o alemanes, no son franceses. Y eso se debe a que los

psicoanalistas franceses no se interesan por la historia, leyeron la biografía de Peter Gay o la de Ernest Jones pero ningún psicoanalista francés fue a los archivos de Washington. Ninguno. No se les ocurre. Uno puede ser psicoanalista e ir a los archivos aunque no quiera hacer una biografía. Pero no.

- ¿Pero por qué cree que su trabajo ha sido tan criticado por los psicoanalistas franceses?

Roudinesco – No les gustó porque la cuestión central, que es la vida cotidiana de Freud, cómo vivía, su entorno vienés, no les interesa. Para ellos es “leo a Freud, tengo una transferencia con el texto y me quedo encerrado en Jones”. Estudian los grandes casos de Freud -“el hombre de los lobos”, “el hombre de las ratas”-, pero no estudian a las personas reales. Estudian sólo las interpretaciones de “los casos”, no las personas. Ése el primer punto. No se interesan por la historia porque además consideran que es destructivo para la clínica, que hay que atenerse al texto.

- ¿Se abstraen totalmente del contexto y la época?

Roudinesco – Bueno, saben que Freud es judío, saben generalidades y saben cosas de manera imprecisa, pero cometen muchos errores. En Francia se interpretan y sobreinterpretan acontecimientos que no ocurrieron y por lo tanto hubo un florecimiento de las leyendas. Por ejemplo, muchos psicoanalistas franceses ahora saben, gracias a mí, que Freud no dijo “les estamos trayendo la peste” cuando llegó a Estados Unidos. Ahora lo saben porque hace veinticinco años dije que Lacan fue el que contó eso. A pesar de esto hubo psicoanalistas que escribieron textos enteros para comentar frases que Freud nunca pronunció. Hay legiones de psicoanalistas que analizan la cuestión judía de Freud e interpretan el hecho de que sus hijos hayan sido circuncidados, pero sus hijos nunca fueron circuncidados. Incluso hubo debates e interpretaciones en torno a su fecha de nacimiento, cuando el documento dice que nació el 6 de mayo y no el 6 de marzo, como sostuvieron algunos y construyeron a partir de eso una historia equivocada. La fuerza de la negación del archivo es muy grande. Mi Freud no es el mismo que el de Peter Gay, pero en lo que atañe a los hechos, bueno, hay que establecerlos y el libro muestra las leyendas que fueron fabricadas a partir de los hechos que no sucedieron.

- Freud fue el principal explorador del orden íntimo, del psiquismo. En ese sentido, encarnó una revolución. ¿Qué alcances tuvo esa exploración?

Roudinesco – En esos años todo el mundo exploraba lo íntimo. La psicología se estaba desarrollando, por eso todos los eruditos de la época exploraban el orden íntimo, buscaban la clave. Lo que yo diría que fue totalmente nuevo en Freud es que en lugar de llevar a cada sujeto a una nosografía y reducirlo a una enfermedad del alma, Freud dijo: “Esto se parece a las tragedias griegas”. Freud dio una dimensión mitológica a los problemas del orden íntimo y dijo: “Todos los neuróticos son príncipes, reyes, son Edipo y Hamlet”. Freud les dio una suerte de dignidad mitológica y literaria y eso es mucho más interesante que el complejo de Edipo de la psicología. ¿Por qué? Porque les dio una dignidad a los enfermos. Lo que era increíble con Freud, según cuentan periodistas y escritores de la época, es que había una epidemia en Viena en la que todo el mundo se creía Edipo. Y cito un texto de un gran escritor, Elias Canetti, que va a Viena en 1921 en donde cuenta esa locura. Por eso

también los ataques incesantes que recibió Freud. Se decía que estaba loco, se lo acusaba de hacer literatura y de inventar cosas que no existían, de confundir fantasía con realidad, y sobre todo de dar una dimensión mítica, política y mesiánica a su movimiento. Tenía discípulos pero no discípulos clásicos como tienen hoy los Departamentos de Psicología, esto es, alumnos de alumnos. Freud hizo un movimiento emancipador, hizo una internacional y creó un movimiento para cambiar el mundo.

- Fue una generación obsesionada por la introspección que no vio venir la Primera Guerra Mundial, el nacionalismo y los horrores del siglo XX.

Roudinesco – Absolutamente, es así.

- Existe una crisis del psicoanálisis. ¿Cómo la caracterizaría? ¿De dónde vienen hoy los mayores cuestionamientos? ¿De las neurociencias, la proliferación de psicoterapias o del consumo de psicofármacos?

Roudinesco – Las amenazas vienen de todos lados. Si se pierde la dimensión literaria y mitológica de Freud, es una psicología ordinaria. Hoy los psicoanalistas perdieron la profundidad de la cultura freudiana. Siguen considerándose superiores a los psicoterapeutas pero perdieron la cultura. Por eso hacen una defensa clínica del psicoanálisis y no tanto una defensa intelectual. Entonces, el psicoanálisis es atacado por el cientificismo que hoy le reprocha a Freud que el psicoanálisis no sea científico, algo que nunca fue; está la potencia de los medicamentos -la gente toma drogas- y la elección de psicoterapias breves. Si el psicoanálisis abandona la dimensión literaria y mitológica, si el psicoanálisis no reivindica ser algo superior en términos intelectuales, se convierte en una mera psicoterapia. Ésa es la verdadera crisis del psicoanálisis. Esta crisis es visible y lo es particularmente en Francia porque los psicoanalistas franceses caen de muy arriba.

- ¿En qué sentido lo dice?

Roudinesco – En que todavía tienen la arrogancia de los que fueron maestros del mundo gracias a Lacan y ahora se ven reducidos a ser meros psicoterapeutas. Creo que los psicoanalistas latinoamericanos no caen de tan arriba porque jamás se montaron a nada y son mucho más pragmáticos. Como no conocieron directamente a los grandes maestros, es más sencillo. Y se adaptan.

- Parecería que cada país, cada escuela, cada psicoanalista construye su propio Freud, una suerte de Freud a la carta. ¿Podría identificar algunas características de la práctica psicoanalítica en la Argentina?

Roudinesco – En 1942 la Argentina se pensaba como la nueva Viena y creo que la característica del psicoanálisis en Buenos Aires es que es una cultura: Freud y el psicoanálisis son para la Argentina una práctica y una cultura que no están necesariamente ligadas a una neurosis o al hecho de “estar mal”. Uno va a psicoanalizarse para conocerse y eso está muy bien. Además, en Buenos Aires, es una historia de familia y tiene que ver con las oleadas inmigratorias: acá siempre parece haber una esposa, un ex esposo, un tío, un primo psicoanalista o parientes que se han psicoanalizado.

- Pero hoy en día difícilmente haya pacientes dispuestos a encarar un tratamiento psicoanalítico que dure veinte años y requiera diván tres veces por semana. ¿Qué cambios debería introducir el psicoanálisis para sobrevivir y reinventarse?

Roudinesco – Hay gente que consume curas toda su vida: curas clásicas con diván, un poco de medicamentos, un poco de terapia corporal y meditación, psicoanálisis kleiniano, psicoanálisis lacaniano. Son los pacientes modernos, bastante depresivos, que necesitan apoyos permanentes y pueden estar veinte años en análisis pero no de un trecho: van y vienen. Con el psicoanálisis se puede hacer todo. Creo que el psicoanálisis puede hacer algo mucho más corto: puede hacer psicoterapia pero con el espíritu del psicoanálisis. Se pueden resolver problemas en tres semanas. No es un análisis pero se trata con análisis. Los psicoanalistas acá y en otras partes han cambiado sus prácticas. En lugar de limitarse a la cura *standard*, al diván tres veces por semana, se ven obligados por los pacientes mismos a hacer otra cosa, porque los pacientes de hoy vienen y dicen “tengo tal problema”, “quiero resolver tal problema”, “¿cuánto tiempo?”, “¿cuál es el precio?”, “¿cuántas veces por semana?”.

- También hay una migración a terapias de vidas pasadas, constelaciones familiares y otras prácticas.

Roudinesco – Todo se puede hacer, pero es mejor que esas prácticas sean encaradas por psicoanalistas, algo que no siempre sucede. Lo que yo digo es: hay que instalarse en todas las terapias pero con orientación psicoanalítica.

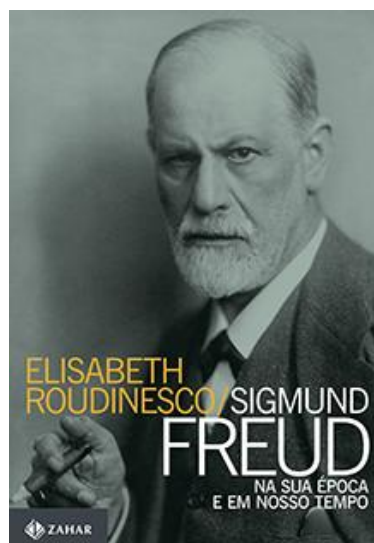
Biografía

Elisabeth Roudinesco nació en París en 1944. Se formó en la Escuela Freudiana de París como psicoanalista. Fue discípula de Todorov, De Certeau y Deleuze. Es investigadora en la Universidad de París VII. Es autora de *Lacan, esbozo de una vida, Diccionario de psicoanálisis y Freud en su tiempo y en el nuestro*.

Por qué la entrevistamos

Porque es una autoridad en el campo del psicoanálisis, que abarca con mirada crítica el pasado y el presente de su disciplina.

Roudinesco elige el tango cuando se le pregunta por un objeto inspirador. “El tango argentino”, aclara, y cuenta que lo baila desde siempre, que en Francia tiene un compañero de baile y que aquí aprovecha para ver algún espectáculo de la música porteña.



Transexualidade e clínica psicanalítica: entrevista com Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos⁶

1) Vocês já atenderam muitos pacientes em processo de destransição? Qual o maior desafio em lidar com pessoas que estão passando por isso?

Por uma questão ética, não podemos expor a clínica. Pelo fato de sermos psicanalistas, entendemos que não tratamos de desafios, mas sofrimentos singulares. Nesse sentido, o percurso que cada sujeito constrói em análise é marcado por um repertório, que inclui uma forma particular de posicionar-se no mundo. Não há um desafio específico na clínica com sujeitos cisgêneros ou transgêneros, homossexuais ou heterossexuais, que transicionam ou destransicionam. O tratamento psicanalítico parte da confiança nos processos autorregeneradores próprios de cada sujeito, de modo que a análise – toda análise – tem sempre um caminho próprio a ser percorrido pelo analisando acompanhado de perto por seu analista.

2) Quais os fatores que mais levam as pessoas a destransicionarem? Existe algum padrão?

A destransição, na maioria dos casos, está relacionada ao mal estar relacionado ao próprio corpo e a uma identidade (imaginária) impossível de ser alcançada. A destransição tem um alto valor para nós, pois revela o engodo da transição que foi realizada, que almejou algo que não foi obtido, a resolução dos conflitos psíquicos através de alterações corporais. Para a psicanálise, as palavras “homem” e “mulher” são meros significantes, portanto sem um sentido fechado e definitivo. Infelizmente, a ideia de que “ser homem” ou “ser mulher” pode se encerrar nas insígnias corporais leva os sujeitos que não se encaixam no gênero designado ao nascimento a buscar um corpo em conformidade com a imagem que fazem do gênero ao qual se identificam. Porém, se não podemos definir o que é um homem e o que é uma mulher através das palavras, isso também acontece em relação ao corpo. Um corpo não faz por si só com que alguém seja homem ou mulher. Todos nós, cisgêneros ou transgêneros, temos um descompasso entre nossa própria imagem e nosso corpo e não é a intervenção corporal que eliminará isso. O mal estar relacionado ao corpo é sempre de ordem subjetiva e deve ser abordado pela dimensão psíquica e não física.

3) Que tipo de acompanhamento uma pessoa que destransiciona necessita? E no que ele difere de uma pessoa que está realizando a transição pela primeira vez?

Na clínica analítica não há diferenças dessa ordem. A psicanálise recebe um sujeito, acolhe seu sofrimento e escuta aquela demanda; portanto, tanto no processo de transição quanto no de destransição, escutamos um sujeito que *tem* um corpo, ele não *é* um corpo. Mesmo quando esses sujeitos apresentam como queixa inicial o sofrimento relacionado ao corpo (transição ou destransição), com o decorrer do processo de análise outras questões se apresentam e o sujeito passa a enxergar seus conflitos internos sob uma ótica mais ampla e mais rica. O corpo não encerra mais

⁶ Entrevista concedida ao jornal *O Globo* em 10 de setembro de 2017 como contribuição parcial para a matéria “Conheça a história de homens e mulheres que mudaram de gênero e, depois, voltaram atrás”, disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/conheca-historia-de-homens-mulheres-que-mudaram-de-genero-depois-voltaram-atras-21777549>>.

tantas respostas. Por isso escutamos um sujeito e não um corpo. Tanto quem transiciona quanto quem destransiciona necessita de escuta.

4) Alguns de nossos entrevistados relataram que há falta de profissionais e psicólogos capacitados para lidar com a destransição. Eles alegam que a transição, hoje, é apontada como caminho para inseguranças e dúvidas que poderiam ser melhor trabalhadas sem a necessidade de tratamento hormonal ou intervenção cirúrgica. Vocês concordam?

Sim, concordamos inteiramente! Se por um lado o conceito de gênero permitiu que se descolasse o destino biológico da anatomia sexual, por outro trouxe uma ditadura tão aprisionante quanto o sexo, a da tirania da imagem. Isso significa que se há uma discordância entre os dois, um deles precisa ser “adequado” e aí, não importa se é o biológico ou o psíquico, mas que o descompasso não pode existir e, nesse sentido temos uma linha de produção que exclui qualquer possibilidade de subjetivação. Pensar a definição de “homem” e “mulher” a partir da psicanálise pressupõe o equívoco; por excelência, a escansão entre o que se diz e o que se escuta. Esses significantes só podem ser apreendidos na experiência e a experiência, vale ressaltar, não diz respeito nem ao sexo nem ao gênero. Muitas intervenções corporais implicam numa irreversibilidade ao estado anterior e isso é muito grave.

5) A tese que os dois assinam fala sobre uma histeria coletiva do transativismo. Podem explicar um pouco melhor o que isso seria?

A noção de epidemia histórica é clássica e atravessa todos os melhores trabalhos sobre a história da histeria. Quando falamos de epidemia, alguns acreditaram que era no sentido de patologizar a transexualidade e víamos nela uma doença mental. A noção de epidemia nesse caso tem menos a ver com a ideia de alguma doença que se alastra do que com o sentido figurado da palavra, ou seja, de uma generalização rápida e ampla de algum uso, costume etc. por estar na moda. Acreditamos que a era da internet que vivemos agora favorece enormemente a rápida disseminação de comportamentos e identificações entre as pessoas, de uma ponta a outra do planeta. Quanto à noção de histeria, também fomos mal entendidos por algumas pessoas por acharem que estávamos colando um rótulo de desqualificação da transexualidade. Como se disséssemos que se trata de uma encenação para chamar atenção, pois esta é a concepção leiga que se tem sobre a histeria em geral. Ao contrário! A histeria é, para a psicanálise, sobejamente valorizada, pois a estrutura do sujeito é histórica e enxergamos na histeria a sustentação de uma crítica veemente aos sistemas dominantes. Os históricos produzem sintomas sociais e pagam muitas vezes um preço alto por isso.

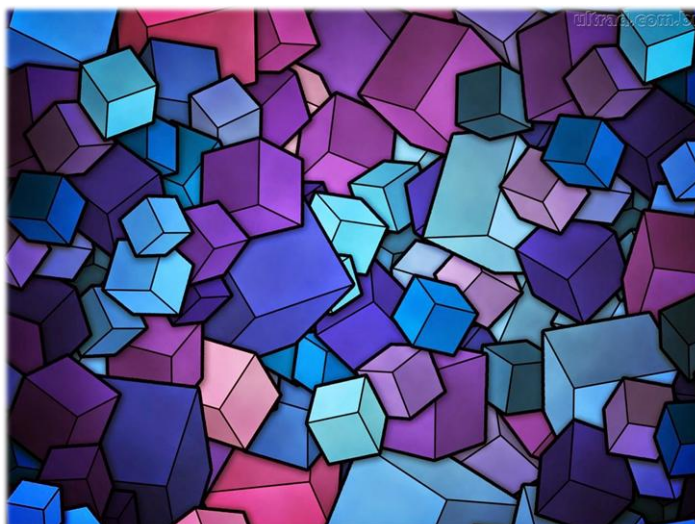
6) De que maneira as discussões atuais sobre papéis de gênero pode influenciar no aumento de intervenções cirúrgicas?

Pela sugestão e pelo contágio que afeta muitas pessoas pela sugestionabilidade de que são frequentemente capazes. Por que há um consenso sobre não publicar notícias na imprensa sobre suicídios? Por que existem seitas lideradas por um sujeito delirante que levam centenas de pessoas à morte, como foi o caso da seita de Jim Jones que levou à morte mais de novecentas pessoas? Por que as pessoas acreditam em astrologia? Pessoas fragilizadas por diferentes motivos são mais passíveis de ser

influenciadas por discursos delirantes. Hoje, quando a fragilidade da capacidade simbólica dos sujeitos está sempre apontada por diferentes pesquisadores, os efeitos de sugestão se tornam enormes. As pessoas buscam respostas avidamente e se o discurso da ciência afirma que tem soluções como a de mudar o sexo de uma pessoa através de intervenções no fundo mutiladoras, pessoas com diferentes tipos de conflito sexual podem achar que ali reside a solução.

7) Alguns pais defendem hoje que as crianças sejam criadas sem definição de gênero, de modo que elas possam determinar a forma como se identificam quando tiverem idade para tal. Até que ponto isso é benéfico ou não para a formação da pessoa? É necessário ter uma referência de gênero?

É claro! Essa ideia é bastante equivocada e parte da premissa de que há algo de natural no gênero que brota na criança independente da educação que recebe e da influência do meio externo. Não há porque se abster de definir o gênero de uma criança, quando o mundo inteiro o faz! O que ela fará com isso depois, quando for adulta, é outra questão, mas então ela terá capacidade de decisão e de deliberação desenvolvidas. Acreditamos que submeter crianças e adolescentes a protocolos de transição sexual que implicam em hormonioterapias é igualmente equivocado; isso deve ser deixado aos adultos que podem, eles sim, decidir com plena consciência o que querem fazer com seu corpo próprio. Toda criança e adolescente tem uma estrutura bissexual e assim muitas vezes faz parte de seu desenvolvimento sexual oscilar em sua identidade de gênero durante um período de sua vida. Nada implica que isso será definitivo, logo é necessário suspender qualquer decisão enquanto esse processo subjetivo não se completar. Um acompanhamento psicanalítico pode colaborar para esse processo se produzir a contento.



Entre a cruz e a caldeirinha: sexualidades em questão

Por: Denise Maurano

Num momento no qual apesar de todos os atrasos políticos e culturais que estamos vivendo, podemos contar com posições da justiça, que em conformidade com países mais desenvolvidos, já pode estabelecer inclusive o casamento entre homossexuais, reconhecendo a homossexualidade como uma das escolhas possíveis para o cidadão, a qual o Estado tem que acatar, o que será que ocorre com um grupo desavisado de pessoas que em nome de uma pseudopsicologia promove o retrocesso de considerar a homossexualidade como doença a ser tratada? Ou será que não são tão desavisados assim e, na verdade, estão defendendo uma posição preconceituosa, pautada pela ignorância e pelo dogmatismo religioso? Não é à toa que em seus discursos, evocam o nome de Deus em vão, numa causa que é absolutamente leiga, ou seja, independente da religião.

Curiosamente, evocam o direito do sujeito e aí é preciso esclarecer que a lei estabelecida anteriormente não impede quem quer que seja de procurar um profissional para trazer as questões que for. Também não impede que esse profissional escute as inquietações desse sujeito, sejam elas da natureza que for. Ela apenas sinaliza, e aí o termo sinalizar é ótimo, que esse profissional não pode se propor a curar, ou reorientar a sexualidade de ninguém porque, antes de qualquer coisa, isso foge à sua alçada.

A lei promulgada em 1991 em coerência com a decisão da Organização Mundial de Saúde, que aprovou em 1990 a retirada da homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças, apenas fez jus ao reconhecimento de que não se pode fazer propaganda enganosa, se dispondo a reorientar ou curar o que em nada tem a ver com doença, mas diz respeito a escolhas relativas à constituição subjetiva. Diferentemente dos animais, regidos por instintos, somos dotados de livre arbítrio, o que faz de nossa sexualidade um campo bem mais complexo. Que o tema das escolhas sexuais de um sujeito compareça para ser investigado, pesquisado, muito bem, mas não compete a nenhum profissional se propor a reorientá-lo como se houvesse nessa área uma orientação certa frente a outra errada, patológica. Só pensa desse jeito quem está tocado por dogmatismos ideológicos ou religiosos, ou tem alguma posição defensiva patológica. Isso só estimula o retrocesso e promove a difusão do preconceito, se configurando como causa de um mal-estar social que acaba muitas vezes em suicídio. Será que é isso que “em nome de Deus” esses religiosos dogmáticos querem? Extirpar do direito à vida homens e mulheres que fazem escolhas abominadas por eles? E o pior é que ainda botam isso na conta de Deus...

3) Comemoração dos 23 anos da Escola

Por: Heloneida Neri

Foi com música e poesia que nós comemoramos 23 anos de compromisso com a psicanálise e seu ensino de acordo com Freud e Lacan. Parabéns a todos nós que fazemos o Corpo Freudiano Escola de Psicanálise com um estilo e uma transferência de trabalho que fez proliferar outras seções e núcleos no Brasil e na França.



4) Próximos eventos



Reunião Lacanoamericana de Psicanálise

18 a 21 de outubro de 2017
Rio Othon Palace | Rio de Janeiro | RJ

Site do evento: <http://www.lacanoRio2017.com.br/programacao/index.php>

Participantes inscritos pelo Corpo Freudiano Escola de Psicanálise:

Denise Maurano
Heloneida Neri
Laéria Fontenele
Sonia Leite
Teresinha Costa

Corpo Freudiano Paris
en partenariat avec
TOPOLOGOS
Vous invite à participer

A l'atelier de topologie clinique

qui aura lieu

le samedi 14 octobre à 21h (précise si possible)

Le pouvoir du signifiant
(à l'aide du conte bien connu "Sept d'un coup")



lieu est
8 passage Charles Albert,
Paris 18eme, métro porte de Saint-Ouen

--
Jacques B. Siboni <mailto:jacsib@Lutecium.org>
8 pass. Charles Albert, F75018 Paris, France
Tél: +33 142 287 678 Fax: +33 951 720 069
Home Page: <http://jacsib.lutecium.org/> Lutecium pages:

Pour voir les vidéos des précédents ateliers
Cliquez sur :

<http://topologos.lutecium.org/author/jacsib>

<http://corpofreudiano.lutecium.org/>

Transmission freudienne
de l'enseignement de Lacan
Corpo Freudiano Paris
en partenariat avec la
Maison de l'Argentine
Organise

Trois séminaires d'introduction
à la psychanalyse

tenus par

Marco Antonio Coutinho Jorge

(Psychanalyste, professeur à l'université de l'État de Rio de Janeiro)



Les 18-19-20 octobre 2017 de 14h à 18h
Maison de l'Argentine, 27A Bd Jourdan, 75014 Paris

Mercredi 18 - Réel, Symbolique, Imaginaire ; une introduction (de Freud à Lacan)
Jeudi 19 - Clinique du fantasme : amour, désir, jouissance
Vendredi 20 - Aimer, travailler, délibérer : Sur la finalité de la psychanalyse

Ces trois leçons, chacune organisée autour de trois concepts de la théorie et de la clinique psychanalytiques, ont pour but de travailler quelques thèmes majeurs qui orientent le psychanalyste qui suit l'enseignement de Lacan dans son retour à Freud. Comme Alain Didier-Weill l'a souligné, "la tâche que nous a laissé Lacan, par son travail de retour à Freud, est d'une très grande exigence, car nous reconnaissons que ce retour se spécifie de ne pouvoir être accompli une fois pour toutes".

Corpo Freudiano Paris
présente
L'épidémie transsexuelle : l'hystérie à l'ère de la science
et de la mondialisation ?



Conférence de Marco Antonio Coutinho Jorge

(Psychanalyste, Professeur à l'Université de l'Etat de Rio de Janeiro (UERJ))

Samedi 21 octobre 2017, de 14h30 à 16h30
Maison de l'Argentine – Cité Universitaire

27A Bd Jourdan, 75014 Paris

Cette conférence porte sur les questions liées à la transsexualité à partir de la notion psychanalytique de l'hystérie comme structure de base du sujet. Les surprenantes épidémies d'hystérie qui ont eu lieu au cours de l'histoire révèlent comment l'hystérie produit des questions radicales sur l'énigme de la différence sexuelle, adressées au savoir dominant de chaque époque. Pour répondre à la question sur la place de l'hystérie dans le monde contemporain nous introduisons l'hypothèse suivante : la forme la plus importante que revêt l'hystérie aujourd'hui est l'épidémie de la transsexualité, qui se produit dans sa rencontre avec le discours de la science, dominant dans la culture mondialisée.

Participation aux frais de location de la salle : 10 euros
Renseignement : Tél.: 0626803471 Courriel: plollo@free.fr

CORPO FREUDIANO DE TERESÓPOLIS PROMOVE:
FORMAÇÃO BÁSICA EM PSICANÁLISE
MÓDULO: REAL, SIMBÓLICO E IMAGINÁRIO

DIA
07
Outubro
SÁBADO
9:30h

COM
Marlise
D'Icarahy
Analista do Corpo Freudiano
Seção Rio de Janeiro



INSCRIÇÕES
ABERTAS!

Tema da aula:
O Imaginário no ensino de
Lacan

Local: Rua Heitor de Moura Estevão, 438
Várzea - Teresópolis-RJ

Inscrições e informações:
teresopolis@corpofreudiano.com.br
Cel. 21 987023877 - Joana Souza



Fávia
Albuquerque

📱 pontolacaniano



APRESENTA

“Qual lugar
para o **AMOR**
no século XXI ?”

DATA: 21/Outubro/2017
HORÁRIO: 09h00 às 12h00
LOCAL: Livraria Cultura Cine Vitória
Rua Senador Dantas 45 - Centro
Rio de Janeiro - RJ

INSCRIÇÕES: pontolacanianorj.eventbrite.com.br
INFORMAÇÕES: (11) 99451 0871 📞

grat @cinemadobrasil.org.br

Organização:
Edilaine
FRANCESCATO

Apoio:
ZAHAR

4estações
turismo | intercâmbio

Núcleo Cuiabá

Terça-feira, 20h - Formação permanente (Seminário sobre o fim de análise com Marcia Smolka) – Texto: “A direção da cura e os princípios de seu poder” (Lacan)

Quarta-feira, 20h - Formação básica – Texto: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud)

Terça-feira 10/10, às 18h45 e Sexta-feira 27/10, às 16h (Grupo de estudos “Psicanálise com crianças”) – Texto: Caso Pequeno Hans (Freud)

Cine Corpo – Coordenação: Margareth Ragnini – 18 de Outubro, às 19h30
Filme: “De olhos bem fechados” – Evento aberto ao público, entrada gratuita.

The poster features a central graphic of a film camera on a tripod with the text "CINE FREUD" on its front. A film strip curves across the top. In the bottom left, a blue box contains the text "Inscrições pelo Facebook Vagas limitadas". In the bottom center, the text reads "Rua Monsenhor Miranda 25 20 de outubro 16 horas". On the right, there is a movie poster for "RELATOS SALVAJES" (Wild Tales) by Damián Szifron, featuring Ricardo Darín and other actors. The tagline "TODOS TENEMOS NUESTRO LADO ANIMAL" is at the bottom of the movie poster.

CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE
NÚCLEO FRIBURGO
Apresenta

CINE
FREUD

Inscrições pelo
Facebook
Vagas limitadas

Rua Monsenhor Miranda 25
20 de outubro 16 horas

RELATOS
SALVAJES
una película de DAMIÁN SZIFRON
TODOS TENEMOS NUESTRO LADO ANIMAL



AGENDA | Outubro

05, 19, 26/10 - Leitura do Seminário 11 - Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise

Horário: 19h30

Local: Edifício Petro Office – Av. Elias Agostinho, 340, sala 709 – Imbetiba

Coordenação: Ligia Haettman

06/10 - Lendo Freud - Das Conferências Introdutórias - OS SONHOS - (1916 -1917)

Horário: 16h

Local: Edifício Petro Office – Av. Elias Agostinho, 340, sala 709 - Imbetiba

Coordenação: Vera Maria M.B. Fragoso

06 /10 - Formação Permanente: leitura do Seminário 11 (capítulo XV- Do amor à libido)

Horário: 18h30

Local: Sala de reunião do Edifício Petro Office – Av. Elias Agostinho, 340 – Imbetiba

Coordenação: Sonia Leite

07/10 - Formação Básica: Técnicas da linguagem II – O esquecimento (Signorelli)

Horário: 9h

Local: Sala de reunião do Edifício Petro Office – Av. Elias Agostinho, 340 – Imbetiba

Professor(a): Sonia Leite

20/10 - Lendo Freud - Das Conferências Introdutórias - Os Sonhos (1916 -1917)

Horário: 16h

Local: Edifício Petro Office - Av. Elias Agostinho, 340, sala 709 - Imbetiba

Coordenação: Vera Maria M.B. Fragoso

20/10 - Formação Permanente: leitura do Seminário 11 (capítulo XVI- O sujeito e o outro(l) - A alienação)

Horário: 18h30

Local: Sala de reunião do Edifício Petro Office – Av. Elias Agostinho, 340 - Imbetiba

Coordenação: Claudia Andrade

21/10 - Formação Básica: Estruturas fundamentais do significante - metáfora e metonímia

Horário: 9h

Local: Sala de reunião do Edifício Petro Office – Av. Elias Agostinho, 340 - Imbetiba

Professor(a): Claudia Andrade

5) Ficha técnica

Editoração: Bruno Albuquerque (brunopintodealbuquerque@gmail.com)

Colaboração: Macla Ribeiro Nunes (macla.nunes@unirio.br)